

# CLÁUDIO PERANI E O PAPEL DA EDUCAÇÃO POPULAR NOS PARADIGMAS DE LIBERTAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA AMAZÔNIA

Márcia Maria de Oliveira, UNIR

Informações do artigo

Recebido em 23/04/2018 Aceito em 30/05/2018

doi> 10.25247/2447-861X.2018.n244.p242-261

#### Resumo

A educação popular tem sido amplamente acionada para a formação de lideranças dos grupos de base e dos movimentos sociais. Representa um grande desafio para as instituições que contribuem nesses processos formativos, de maneira especial por causa da metodologia que requer técnicas que promovem maior participação e envolvimento das lideranças na formação. Este texto representa um breve recorte dos últimos quatro anos de Cláudio Perani (1932 – 2008) vividos à serviço da educação popular na Amazônia. Recolhe memórias de sua breve e intensa trajetória junto à equipe pedagógica do Curso de Formação para Ação Social, uma experiência de educação popular realizada no Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social, que contribuiu para importantes mudanças nos paradigmas de libertação e transformação social na Amazônia. Retoma as etapas de elaboração de um "guia metodológico da educação popular" proposto por Cláudio Perani e desenvolvido de forma interativa com as lideranças populares no decorrer de sua formação. Os resultados dessa experiência comprovam a capacidade transformadora das lideranças em processos simultâneos de formação e intervenção social e celebram o legado de Cláudio Perani ainda muito presente nas trajetórias dos movimentos sociais na Amazônia.

**Palavras-Chave:** Cláudio Perani. Educação Popular. Metodologia. Participação. Amazônia.

#### Introdução

Este breve texto recolhe algumas memórias de um tempo de profundo aprendizado vivido com Cláudio Perani, sacerdote jesuíta, nos últimos quatro anos de sua vida na Amazônia. Ao retomar de forma breve as lembranças desse aprendizado, reconheço o privilégio dessa oportunidade e vejo neste texto uma forma singela de prestar-lhe a minha imensa gratidão por compartilhar comigo e com os povos da Amazônia, seus sonhos, teimosias, esperanças e ousadias na educação popular, tendo em vista os processos de libertação das classes populares.

Os últimos anos de Cláudio Perani foram dedicados intensamente ao Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social - SARES, que nasceu numa perspectiva interinstitucional em uma parceria firmada no final de 2003 entre a Companhia de Jesus na Amazônia, o Instituto Missionário da Consolata, o Instituto dos Irmãos Maristas e a Arquidiocese de Manaus.

Cheguei à equipe do SARES, em abril de 2004, a convite do próprio Cláudio Perani¹. A equipe estava em processo de organização da proposta do SARES desde o final de 2003, dando seguimento à decisão da assembleia do Distrito dos Jesuítas da Amazônia - DIA². Quem coordenava os trabalhos era o jesuíta Padre Roberto Jaramillo Bernal³ que estava formando a primeira equipe operacional do SARES. Fiquei alguns meses na equipe atuando como colaboradora voluntária até ser convidada para compor a primeira coordenação em julho de 2004.

Desde o início dos trabalhos, Cláudio Perani coordenava a equipe pedagógica responsável pela elaboração do projeto de Educação Popular do SARES e tinha como compromisso elaborar dois cursos voltados para a formação de lideranças populares, inicialmente em Manaus e depois em outros municípios do Amazonas.

O primeiro curso, Formação para Ação Social - FAS, tinha como objetivo atender as lideranças das bases dos movimentos sociais, grupos e organizações populares. O FAS era voltado para pessoas que não possuíam nível de formação acadêmica e atuavam na organização dos movimentos sociais, grupos de reflexão das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, no movimento indígena e tantos outros seguimentos sociais. O segundo curso, Formação para Intervenção Política - FIP, era uma proposta de especialização em Ética e Política, concretizado em 2006, em convênio com a Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

Neste texto vamos aprofundar mais detalhadamente a relação de Cláudio Perani com o FAS que foi o curso com o qual mais se dedicou por sua afinidade com a educação popular e pela larga trajetória de atuação na formação de lideranças sociais desde a sua longa experiência no Centro de Estudos e Ação Social – CEAS, fundada em 1967 em Salvador, no estado da Bahia. Foi membro fundador e atuou na coordenação do CEAS por muitos anos

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Pe. Cláudio chegou a mim por indicação de uma amiga em comum, *Lúcia* de Fátima de Oliveira *Aires que trabalhava na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da* Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que estava participando das reuniões preparatórias para criação do SARES desde o final de 2003.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> O DIA representava uma distribuição institucional da Companhia de Jesus na Amazônia.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Em 2005 o padre Roberto foi eleito coordenador do DIA e deixou a coordenação do SARES sob a responsabilidade do padre Cláudio Perani.

desenvolvendo "trabalhos de base" com setores populares. Em outras palavras, tratava-se da educação popular que buscava "favorecer e incentivar a tomada de iniciativas próprias e autônomas por parte dos grupos populares, contribuindo para superar a longa história de exclusão social e autoritarismo decorrente da dominação das elites sobre o povo brasileiro". Ele mesmo dizia que a experiência vivida no CEAS se constitui num elemento importante para fundamentar a organização do SARES e, de maneira especial, para orientar os rumos do FAS.

## O papel da Educação Popular nos processos de libertação e transformação social de acordo com a visão de Cláudio Perani

À frente dos trabalhos de organização do FAS, Cláudio se ocupou com a formação da Equipe Pedagógica, grupo que iria desenvolver a proposta do curso. A Equipe Pedagógica era formada em sua maioria por mulheres oriundas das várias áreas do conhecimento vinculadas à Universidade Federal do Amazonas - UFAM, ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, aos movimentos sociais e políticos. Era uma equipe multidisciplinar que assumira o compromisso de elaborar uma proposta de metodologia da educação popular para orientar os caminhos teóricos e metodológicos do curso.

A cada encontro de formação da Equipe Pedagógica, o grupo diminuía porque muitas pessoas não se identificavam com a proposta. Aos poucos, o grupo foi tomando forma e iniciaram-se os trabalhos de organização do FAS que incluía a estruturação da proposta metodológica e o processo de matrículas e seleção dos participantes. Naquela ocasião, Cláudio não estava preocupado com a quantidade, mas, acima de tudo, com a qualidade da primeira turma do FAS que se tornaria um referencial naquele tipo de formação baseada na educação popular.

A primeira turma do FAS começou em agosto de 2004. A abertura foi uma grande celebração de encontros e reencontros de antigas lideranças populares que há tempos não se esbarravam nas bases dos movimentos sociais e comunidades. Foi um encontro alegre e dinâmico. Cláudio Perani já foi se revelando, desde este primeiro encontro na perspectiva da educação popular proposta por Freire (1997), numa atitude de releitura e aprofundamento da metodologia. Sugeriu para reflexão, tanto da Equipe Pedagógica, como dos participantes no primeiro encontro da turma, a poesia "canção óbvia" de Paulo Freire (2000):

Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei,

Enquanto esperarei por ti.

Quem espera na pura espera, vive um tempo de espera vã.

Por isto, enquanto te espero trabalharei os campos

E conversarei com os homens e mulheres.

Suarei meu corpo, que o sol queimará.

Minhas mãos ficarão calejadas.

Meus pés aprenderão o mistério dos caminhos.

Meus ouvidos ouvirão mais.

Meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti.

Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer.

Desconfiarei dagueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos:

É perigoso agir,

É perigoso falar,

É perigoso andar,

É perigoso, esperar, na forma em que esperas.

Porque esses recusam a alegria de tua chegada.

Desconfiarei também daqueles

Que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste.

Porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam.

Estarei preparando a tua chegada

Como o jardineiro prepara o jardim

Para a rosa que se abrirá na primavera

Genève, Março 1971 (FREIRE, 2000, p. 6)4.

Na reflexão deste texto, Cláudio Perani convocava, primeiramente a Equipe Pedagógica e, mais tarde os participantes do FAS, a uma observância permanente daquilo que ele chamava "tempo do povo". E desafiava a uma atitude permanente de escuta. "Para saber o que se deve falar ao povo, é preciso, antes de tudo, ouvir o que nos tem a dizer", dizia repetidas vezes. No decorrer daqueles intensos quatro anos em que esteve à frente da Equipe Pedagógica, Cláudio Perani insistiu muito no "tempo da espera" proposto por Freire (1971) como tempo de transformação, conduzindo o grupo a pensar a "eficácia da mudança"<sup>5</sup> que vem das bases, das quais o povo participa de forma ativa e efetiva e não é apenas mero espectador ou receptor. "A história recente dos movimentos sociais no Brasil nos revela que muitos espaços e categorias vieram a ocupar o palco dos atores históricos a partir de presenças mais gratuitas" (PERANI, 1994:53).

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> No que se refere às citações da poesia "canção óbvia", mantemos a data da sua escrita em 1971. Freire (2000) refere-se à data da publicação das cartas escritas por ele muito antes de sua morte. A poesia "canção óbvia" faz parte desta coletânea.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Com muita humildade, compartilhou um texto antigo, publicado no Caderno SEAS no qual aprofundava o tema das eficácias intitulado "Sobre as eficácias". Cadernos do CEAS,1994.

A respeito dessa "eficácia da mudança", afirmava que ela deveria começar de dentro para fora, do pessoal para o coletivo, e não ser fruto de uma imposição ou paixão. Para ele, a eficácia era mais do que a realização de atividades. "É através desta presença menos orientada para determinadas ações eficazes que podemos favorecer novos tipos de sociabilidade que integram melhor o econômico-político com o cultural, tradições com novidades, espaços e tempos" (PERANI, 1994:53).

No texto de dez anos antes, Perani apontava para a eficácia da mudança como resultado da sabedoria do "tempo da espera" que se faz em profundo movimento de participação. Combinando com Freire (2000, p. 26), a respeito "do direito e do dever de mudar o mundo", Cláudio Perani apontava para uma mudança profunda capaz de transformar a sociedade a partir de mulheres e homens novos portadores de sonhos, utopias e projetos, parafraseando Freire (2000, p. 26).

O projeto de mudança, primeiramente sonhado e desejado nas subjetividades pessoais, precisa avançar para o coletivo, a comunidade, o grupo do qual se participa, enfim, a sociedade. Para isso se realizar "é preciso estratégia, planejamento, projeto", dizia ele. O projeto de sociedade é a base para se pensar em mudar o mundo (FREIRE, 2000). As ferramentas pedagógicas para se pensar esse projeto de sociedade seria então, a contribuição do SARES aos participantes do FAS. Isso estava muito claro para Cláudio Perani quando assumiu a formação da Equipe Pedagógica. O desafio, no entanto, consistia em conduzir processos simultâneos de mudança tanto da equipe de trabalho quanto dos participantes do FAS.

No alto dos seus 73 anos<sup>6</sup>, Cláudio vinha de uma longa e profunda experiência com movimentos e organizações sociais, em diversas partes do Brasil e do mundo, o que o tornou um importante intelectual dessa área<sup>7</sup>. Por causa disso, era muito respeitado pela Equipe

\_

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> Sua idade no início do FAS.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Entre as décadas de 1970 e 1980, publicou diversos textos sobre a temática dos movimentos e organizações sociais no Brasil. Dentre os quais, podemos citar: PERANI, Cláudio. *Religiosidade popular e mudança social*. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 30, p. 65-73, mar./abr. 1974ª; *A ação da igreja nas bases: da integração à libertação*. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 31, p. 61-67, mai./jun. 1974; *Bispos da Amazônia: a conversão ao posseiro (reflexões teológico-pastorais sobre o Encontro das Igrejas da Amazônia Legal em Goiânia)*. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 39, p. 23-29, set./out. 1975; *Comunidades Eclesiais de Base: alguns questionamentos*. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 56, p. 36-48, jul./ago. 1978; *A Pastoral Popular é um lugar jesuítico?* Rio de Janeiro: Boletim Pastoral Popular - Comissão Nacional do Apostolado Social, n. 15, p. 2, mai.

Pedagógica. Entretanto, isso não o fazia se colocar acima de ninguém da equipe, muito pelo contrário. Sempre repetia que "estava aprendendo tudo de novo", justamente por se tratar de um povo diferente e em processos distintos de tudo o que ele já havia experimentado antes. Essa abertura e disposição ao aprendizado nessa altura da vida tornava-o um exemplo vivo da sabedoria do "tempo da espera".

#### Guia metodológico da Educação Popular

Por volta da metade do segundo ano de trabalho, sob a orientação e formação permanente de Cláudio Perani, a Equipe Pedagógica conseguiu traçar uma proposta metodológica para o FAS denominada "guia metodológico da educação popular". Foi resultado de um intenso exercício de experimentação e elaboração de novas metodologias para o trabalho popular das diversas lideranças sociais que fizeram o curso que tinha duração de um ano e funcionava em sistema modular com aulas ou "encontros", nas noites de terça e quinta-feira das 18:30h às 22h.

O primeiro módulo do FAS era denominado Metodologias da Educação Popular e era coordenado pelo Cláudio Perani junto com a Equipe Pedagógica. Na primeira sessão de estudos o exercício propunha um breve levantamento das expectativas do grupo a respeito de cada uma das disciplinas ou módulos sugeridos para o curso. A metodologia consistia em intensos debates nos pequenos grupos de estudos e, em seguida, a apresentação das sugestões em plenário para ampliar o debate. Essa metodologia se repetiu em todas as seis turmas do FAS<sup>8</sup> as quais acompanhamos. Cada vez que essa dinâmica se repetia, em cada turma, a cada novo ano, os resultados sempre surpreendiam porque realmente o povo sabia o que queria estudar e o que não lhe convinha ou não chamava sua atenção. Houve situações em que mais da metade da proposta de curso foi reformulada a partir do levantamento das

<sup>1982;</sup> Pastoral popular: poder ou serviço? Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 82, p. 7-19, nov./dez. 1982b; O Papa na América Central. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 86, p. 54-65, jul./ago. 1983; Notas sobre educação popular. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 106, p. 74-81, nov./dez. 1986. Novos rumos da pastoral popular. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 107, p. 37-46, jan./fev. 1987; Pastoral popular e movimentos sociais. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 119, p. 13-22, jan./fev. 1989; Sobre as eficácias. Cadernos do CEAS, Salvador: Centro de Estudos e Ação Social, n. 150, p. 48-54, mar./abr. 1994.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Mantemos a metodologia até a turma de 2010 em que estivemos integrando a equipe do SARES.

propostas do grupo em questão. Isso confirmava a tese de Perani que dizia que o "povo sabe o que quer" e mais ainda, "como quer" que os processos sociais ocorram.

Num primeiro momento, a Equipe Pedagógica ficou impactada com tamanha intervenção dos participantes na proposta do curso. Depois de algum tempo, isso se tornou tão espontâneo que ninguém mais fazia nenhuma proposta fechada para o FAS sabendo que tudo poderia ser desconstruído e reformulado a qualquer momento ou à cada turma que ingressava com diferentes interesses de aprofundamento e níveis de formação.

A proposta geral da formação incluía a leitura e aprofundamento de áreas específicas como história, sociologia, antropologia, ética, ciência política, economia, geopolítica, demografia, estudos de gênero, comunicação. Também foram trabalhadas áreas específicas da Amazônia tais como biodiversidade, desenvolvimento sustentável ou alternativas ao desenvolvimento, povos, culturas, religião, economia, movimentos sociais e desafios contextuais. Em torno dessa proposta geral é que as turmas interagiam, reformulavam ou ajustavam aos seus interesses podendo acrescentar diversas outras áreas de acordo com a imersão dos grupos na proposta do curso.

A análise do perfil dos participantes era fundamental para se pensar tanto a metodologia quando a proposta de curso a ser apresentada para reformulação dos participantes. Criou-se uma metodologia própria para elaboração do perfil dos participantes que incluía desde a sua vinculação institucional ao grupo a que pertencia e que o enviava para a formação<sup>9</sup>, até seu vínculo familiar. Cláudio Perani fazia questão de indicar num mapa da cidade, que ficava exposto em seu escritório, a localização de cada participante do FAS para facilitar as visitas ao seu grupo de base, comunidade e família. Ele conseguia visitar cada um/uma dos/as participantes de cada turma. Conhecia suas comunidades e, não raramente, celebrava a eucaristia com o grupo ou participava das suas reuniões. Tudo era minuciosamente anotado no seu caderno de relatórios e essas sínteses também eram incluídas na elaboração do perfil dos/as cursistas.

Cadernos do CEAS, Salvador/Recife, n. 244 - Especial Claudio Perani, p. 242-261, 2018 | ISSN 2447-861X

-

<sup>9</sup> O SARES oferecia o FAS prioritariamente às pessoas indicadas pelas instituições, grupos ou movimentos sociais, comunidades ou partidos políticos. Cada participante deveria ser previamente selecionado pelo seu grupo de origem que enviava uma carta de apresentação do candidato ao curso para ser selecionado, uma segunda vez, pela Equipe Pedagógica ou outras equipes do SARES.

No início do curso era apresentado um perfil em processo de elaboração no qual apareciam dados primários referentes às informações constantes nas cartas de apresentação das instituições e no formulário de inscrição dos/as candidatos/as ao curso. No decorrer do curso, o perfil dos participantes ia sendo elaborado com mais detalhamento a ponto de se identificar até mesmo o grau de incidência social e política de cada liderança que ia percebendo as contribuições do curso na sua formação e a sua contribuição para a formação dos colegas e do próprio curso numa relação dialética. Nessa perspectiva, Freire afirma que,

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em ternos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. E o fará melhor, toda vez que, integrando-se ao espírito delas, se aproprie de seus temas fundamentais, reconheça suas tarefas concretas (FREIRE, 1997, p. 43).

Essa contextualização da realidade e o aprofundamento das questões centrais da vida em comunidade ou do grupo social a que pertenciam era entendido por Cláudio Perani como a condição fundamental para a formação. E ele fazia questão de visitar os/as cursistas, acompanhar os seus processos de inserção e incidência social e caminhar junto com eles/as numa profunda atitude de reciprocidade.

Essa metodologia proporcionava inúmeros avanços no decorrer da formação, mas, era impressionante como conferia aos participantes um empoderamento social confirmado e reconhecido por Cláudio Perani no contato permanente com suas bases. Na perspectiva da práxis transformadora da realidade (MARX, 1996), resultado da interação entre o vivido e o aprendido, as lideranças iam assumindo cada vez mais o seu protagonismo na relação com seus grupos de base<sup>10</sup>.

O Guia Metodológico Participativo, como foi denominado pela Equipe Pedagógica, era resultado de três anos de experimento aplicado inúmeras vezes, de maneira especial nos

-

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Esse compromisso ficou tão evidente que muitos cursistas chegaram a fazer parte da Equipe Pedagógica do FAS e outros integraram outras equipes de trabalho do SARES.

módulos dinamizados pelo Cláudio Perani e pela Equipe Pedagógica. A proposta metodológica era voltada para os encontros de formação e, concretamente, dividia-se em três momentos específicos dinamizados com a participação ativa e efetiva do grupo subdividido em equipes de trabalhos. A distribuição dos trabalhos em equipes era resultado da auto-organização que envolvia todo o grupo que se revezava nas mais diversas atividades do curso no decorrer do ano. A respeito da auto-organização, Molina e Sá, tendo por referência a experiência da educação do campo, afirmam que:

A participação e gestão por meio de coletivos é mecanismo importante na criação de espaços que cultivem a auto-organização dos educandos para o aprendizado do convívio, da análise, da tomada de decisões e do encaminhamento de deliberações coletivas. Com base nessas experiências, torna-se possível acumular aprendizados e valores para a construção de novas relações sociais fora da escola, com maior protagonismo e autonomia destes sujeitos (MOLINA; SÁ, 2012, p. 331).

O processo de auto-organização era apresentado ao grupo como proposta metodológica e, cada turma definia quando e como deveria se auto organizar para promover maior interação no processo formativo e exercitar a liderança e a tomada de decisões dentro do grupo. Algumas turmas se revezavam nas diversas equipes de trabalho. Outras turmas optavam por manter as mesmas equipes de trabalho durante todo o curso, sempre avaliando o processo participativo.

De acordo com a proposta metodológica, o primeiro momento do encontro formativo enfatizava a dinâmica de acolhida, sempre relacionada com a temática a ser estudada, promovendo um ambiente alegre, celebrativo e acolhedor que deixava o grupo mais disposto para participar de forma mais interativa e com maior capacidade interventiva. A essa primeira parte dos encontros a equipe pedagógica definiu no guia metodológico de "momento da mística". De acordo com Bogo (2012, p. 475),

Mística é termo compreendido no estudo das religiões como adjetivo de mistério, assimilado por meio da experiência da própria vivência espiritual. Contudo, nos estudos das ciências da religião e na filosofia da linguagem, pode-se compreender que a mística, em suas manifestações subjetivas, ultrapassa o espectro do sagrado e introduz-se na vida social e na luta política, numa clara aproximação da consciência do fazer presente com a utopia do futuro. Na atualidade, há pelo menos três possibilidades de explicações das manifestações das experiências místicas:

- a) Pelas religiões as experiências religiosas, desde a Antiguidade, tratam a mística como "espiritualidade"[...]
- b) Pelas ciências políticas as revelações subjetivas no entendimento das ciências políticas são compreendidas como expressões do "carisma" que há em cada ser social. As qualidades particulares ou habilidades próprias de cada indivíduo são

colocadas a serviço da coletividade e tornam-se contribuições identificadas com cada tipo de sujeito [...].

c) Pelos movimentos populares – pela fundamentação filosófica, os movimentos populares compreendem a mística como expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao *topos*, a parte realizável da utopia [...].

Os momentos de mística eram curtinhos de no máximo 20 minutos. As equipes eram objetivas na subjetividade, naquela perspectiva dialética, histórico e materialista da projeção de si mesmo (MARX, 1996) através da arte, do canto, dos gestos, da simbologia. Desta forma, conseguiam trazer para cada encontro parte da vida cotidiana, a comunhão com os sofrimentos universais, as preocupações, dores e esperanças, e, acima de tudo, o sentido da militância.

A mística na militância é como a força de germinação que existe dentro das sementes. Assim como saem da dormência as gêmulas das sementes, despertam os militantes para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais. Descobrem as potencialidades das mudanças adormecidas nos contextos sociopolíticos e desvendam, na penumbra dos processos, possibilidades de agregar elementos diferenciadores que impulsionam as mudanças sociais (BOGO, 2012, p. 475).

Ainda fazia parte da mística a memória do encontro anterior. A equipe responsável apresentava uma síntese das principais questões aprofundadas na temática de estudos. Esse simples exercício que durava cerca de 10 minutos também carregava um conteúdo pedagógico. Fazer memória do encontro anterior implicava em recordar o encontro como um acontecimento, naquela perspectiva de Quijano (2006) que entende a memória como uma fermenta importante nos processos de desconstrução da colonialidade do poder e do saber. Não se tratava apenas do conteúdo passado, mas, acima de tudo, do exercício de não esquecer o conteúdo como parte de acontecimentos interligados com a militância nas bases e elaboração da práxis transformadora. Fazer memória, no entendimento de Cláudio Perani, era um exercício que os(as) cursistas tinham a responsabilidade de praticar permanentemente para ser aplicado na vida, na história social como ferramenta de libertação.

Somente depois desse processo interativo e preparatório se fazia a introdução à temática a ser desenvolvida apresentando-se a proposta de aprofundamento. A introdução era feita em no máximo 30 ou 40 minutos sempre de forma criativa e dinâmica, com uso de recursos didáticos como projetor de imagens ou conteúdo em PowerPoint com uso de

Datashow, cartazes ou outros materiais, a depender das escolhas dos(as) assessores(as) ou convidados(as) para contribuir em cada sessão.

Também no segundo momento era apresentada a proposta de aprofundamento teórico da temática, com sugestão de leitura de pequenos textos e debate em grupos de trabalhos, priorizando o uso de uma linguagem mais simples e acessível sem perder, no entanto, a dimensão do aprofundamento no campo teórico.

O aprofundamento teórico entendido na práxis das lideranças dos movimentos sociais encontra-se estreitamente relacionado com a vida e a história de cada pessoa no contexto social, político, econômico, cultural e religioso no qual está inserida (MARX, 1996). Esse processo de formação, definido por Arroyo (2012) como "tempos humanos de formação" insere-se na perspectiva da formação continuada que Perani entendia como "processos libertadores".

Se a matriz pedagógica é o trabalho, o fazer a história, as ações coletivas, os movimentos nos quais os seres humanos se fazem e se formam como humanos, a questão nuclear para a pedagogia passa a ser como vivem e participam da história, do trabalho, das ações coletivas, dos movimentos os seres humanos em *cada tempo humano*, na especificidade do ser criança, adolescente, jovem ou adulto. Os movimentos sociais agem nessa concepção pedagógica, inserindo cada tempo humano, na sua especificidade, nas lutas e ações coletivas e nos movimentos sociais (ARROYO, 2012, 737-738).

Com ênfase nesses pressupostos, o aprofundamento teórico da temática consistia sempre numa "provocação" para novas leituras com algumas "chaves" para aprofundamento no entendimento da elaboração da práxis transformadora que relaciona o conteúdo estudado com as diversas formas de participação nos espaços do trabalho, das ações coletivas, dos movimentos sociais, na família e nas comunidades.

O terceiro momento abria o espaço para debate no plenário com espaço para aprofundamentos, avaliação do encontro, compromissos e encaminhamentos para o encontro seguinte. Esta etapa exigia maior participação dos grupos de estudos e de autoorganização, especialmente se optassem por algum compromisso que exigisse planejamento posterior. A função dos(as) assessores(as) temáticos nessa fase era fundamental para conferir a autonomia de estudos dos grupos e sua responsabilidade para com ao processos de transformação social.

A base teórica dessa metodologia encontra-se estreitamente relacionada com o método dialético materialista de Marx<sup>11</sup> e coincide também com a proposta da *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* de Freire ao afirmar que "ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito *cognoscente*, se torne capaz de *inteligir* e comunicar o *inteligido*" (FREIRE, 1998, p. 134).

O terceiro momento abria espaço para a criação de situações existenciais dos grupos de base das lideranças populares. "Estas situações funcionam como desafios aos grupos. São situações-problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão descodificados pelos grupos, com a colaboração do coordenador" (FREIRE, 1997, p. 113). Com esta proposta de roteiro dos encontros, Cláudio Perani desafiava constantemente a Equipe Pedagógica a observar os sinais de mudança, identificando-os nos mínimos detalhes.

Por ocasião de uma reunião com a equipe pedagógica, em maio de 2006 Cláudio apresentou o relatório de uma das visitas, dentre tantas que realizava às lideranças do FAS. Desta vez, havia visitado os cursistas que moravam no Parque São Pedro, zona noroeste de Manaus. Ali, encontrara quatro lideranças, mas, a história de um deles lhe chamou profundamente a atenção. Era uma liderança antiga daquele bairro que começou com uma grande ocupação urbana com aproximadamente quatro mil famílias no carnaval de 2003. Tratava-se de um senhor de aproximadamente 40 anos. Tinha cinco filhos e morava logo após a entrada do bairro. Ele havia contado ao Cláudio que estava numa crise familiar muito séria porque se dedicava muito à comunidade, à organização da associação de moradores da qual era coordenador e sobrava muito pouco tempo para a família. O pouco tempo que tinha para ficar em casa era conflituoso e não sabia lidar com os desafios que não eram poucos. Contou ainda que estava prestes a se separar quando iniciou o curso no FAS e que isso tinha transformado sua vida. Narrou que começou a aplicar em casa os ensinamentos do curso e, de maneira especial o roteiro metodológico dos encontros observando a orientação de Cláudio Perani, que sempre os desafiava a aplicar e replicar as metodologias que exercitavam no curso.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Baseado, de maneira especial, na obra de Caio Prado Junior: Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. São Paulo: Revista Discurso, v. 4, n. 4 (1973), na qual estabelece o método de análise como um processo contínuo de debate, aprofundamento e comprometimento com a transformação social.

Domingos¹² contou que a primeira coisa que começou a fazer com a família foi criar uma rotina de reunião semanal para planejar e avaliar o andamento familiar. Começava os encontros da família com a mesma mística que haviam realizado no curso naquela semana e dava espaço para cada um falar o que sentia criando um ambiente de acolhida fraterna entre o casal e os filhos que tinham entre nove a dezessete anos. No segundo momento, conversavam sobre possibilidades de intervir para melhorar cada situação. Avaliavam os compromissos assumidos na semana anterior e planejavam novos desafios a cada encontro, sempre atentos a melhorar coletivamente e numa atitude de entreajuda, perdão e compromisso. Domingos contou que depois que iniciaram as reuniões tudo mudou, a começar pelo seu casamento e que toda a vida familiar estava passando por um processo de transformação muito intenso com aquela tomada de atitude.

Ao visitar a família de Domingos, Cláudio ouviu da esposa e dos filhos a confirmação da experiência e o agradecimento da esposa que já se animava para fazer o FAS no ano seguinte. Naquele mesmo dia, Cláudio participou da reunião da associação de moradores e ouviu muita gente dizendo que o Domingos estava com mais paciência e conduzindo melhor os trabalhos da associação de moradores. A diretoria percebeu que o líder estava mais seguro na condução dos trabalhos e conseguia distribuir melhor as tarefas, valorizar e respeitar a contribuição de cada liderança. E, o mais importante, estavam planejando junto com os demais as atividades e avaliando mensalmente os trabalhos, o que antes não acontecia.

Para Cláudio Perani experiências como aquela de Domingos fazia parte da "eficácia da mudança" que se iniciava no âmbito pessoal, familiar e ia se estendendo para outras dimensões da sociedade. Para ele as pequenas mudanças possuíam valor social imensurável porque não ficavam somente na dimensão subjetiva ou privada. Aquela família que passava por aquele processo de transformação não era um caso isolado e significava caminho aberto para processos mais amplos de transformação social.

Cadernos do CEAS, Salvador/Recife, n. 244 - Especial Claudio Perani, p. 242-261, 2018 | ISSN 2447-861X

-

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Nome fictício para preservar a identidade do cursista porque não consegui contatar para pedir permissão para exposição da sua experiência.

## Avanços e extensão do FAS para outras localidades da Amazônia e a publicação dos Cadernos Populares

Em meados de 2006, atendendo as diversas demandas de movimentos sociais e instituições fora de Manaus, criou-se o curso de Formação para Ação Social no Interior do Amazonas - FASIM. Desta forma, o curso foi sendo replicado para outras realidades assumindo parcerias como a Associação Dom Jorge Marskell em Itacoatiara, com a Diocese do Alto Solimões em Tabatinga, com a Paróquia dos Santos Mártires do Município de Presidente Figueiredo e, assim por diante. Sempre no intuito de fornecer elementos do campo teórico-crítico para aprofundar e fortalecer a práxis do trabalho popular nas diversas realidades e contextos da Amazônia.

Com o objetivo de desenvolver um programa de formação voltado para o aprofundamento da práxis social e política de lideranças das várias organizações populares e movimentos sociais que atuam na Amazônia, a fim de estabelecer a interação entre o conhecimento acadêmico e a práxis social, aprofundando os conhecimentos populares e a produção de novos conhecimentos que conjugam teoria e a práxis política e social, o FAS e o FASIM vinham reforçando a intervenção social e política das lideranças populares.

A saída para outras realidades e municípios contribuiu para promover ou intensificar o intercâmbio das várias experiências e realidades dos movimentos sociais, das comunidades e grupos populares que se fortaleciam nesses processos recíprocos de formação continuada.

Nascia, nessa fase do SARES, outra contribuição importante de Cláudio Perani que foi a proposta de formulação e embasamento teórico do curso com o objetivo de subsidiar a ação prática e pedagógica de atores sociais, fortalecendo a sua práxis efetiva nos seus respectivos movimentos, grupos, instituições, organizações sociais. A partir da prática concreta dos participantes em diferentes movimentos e trabalhos populares, os grupos de estudos se encarregaram de levantar os problemas pedagógicos que se encontravam no dia a dia para enriquecer as possibilidades educativas da prática social e da elaboração de uma metodologia popular mais democrática e participativa.

Trabalhando conjuntamente com as turmas, a Equipe Pedagógica confirmava e ampliava a proposta do "guia metodológico da educação popular", que Cláudio acreditava ser útil para orientar a formação nos grupos de base também nos outros municípios mantendo uma orientação participativa sem descuidar do aprofundamento. Desta forma, o

FAS/FASIM avançavam numa constante prática pedagógica participativa na qual as lideranças participavam diretamente da organização e desenvolvimento da formação, assumindo funções de auto-organização no decorrer do curso. A relação estabelecida na estrutura do curso continuou sendo de parceria entre assessores/as, participantes e instituições parceiras definindo assim, um processo eminentemente participativo.

No final de 2006, essas experiências começaram a ser publicadas em fascículos simultâneos denominados "Cadernos Populares" com publicação bimestral. A primeira publicação foi justamente o "guia metodológico da educação popular", em dezembro de 2006 com tiragem de mil exemplares distribuídos às lideranças sociais que realizavam os diversos cursos vinculados ao FAS e ao FASIM e, para coordenadores(as) e animadores(as) das comunidades eclesiais de base que manifestavam interesse em aprofundar e melhorar sua metodologia de trabalho popular.

Os Cadernos Populares do SARES publicaram diversas reflexões que, em linguagem simples e popular, como o nome indica, mas, sem perder a dimensão do aprofundamento, subsidiaram a atuação de diversos grupos e movimentos sociais na Amazônia. Com distribuição gratuita, chegou às comunidades mais longínquas nos "beiradões" dos rios e lagos da Amazônia, bem como às centenas, talvez milhares de comunidades espalhadas pelas periferias das cidades dessa imensa região.

De forma didática e objetiva, os "Cadernos Populares" representavam o reconhecimento da capacidade interpretativa das lideranças sociais e comprovava ser possível desenvolver importantes tratados teóricos com as classes populares com a única exigência de um cuidado metodológico que priorizasse uma linguagem mais simples e direta, respeitando seus interlocutores.

Os fascículos foram bem aceitos pelas lideranças populares nas suas rodas de conversas e na formação permanente no interior das comunidades, sindicatos, movimentos sociais e partidos políticos. Cláudio usou esse meio para se comunicar com lideranças de toda Amazônia compartilhando um pouco do seu saber de forma clara e direta aprofundando a proposta da metodologia do trabalho popular.

Em meados de 2007 respondendo à demanda dos movimentos sociais que pediam uma reflexão sobre as desigualdades sociais na Amazônia, Cláudio escreveu duas resenhas complementares. A primeira resenha do texto "Bóia-fria": acumulação e miséria, de autoria de Maria Conceição D'Incao (1979), ofereceu elementos para atualizar as análises sobre as

desigualdades sociais produzidas como fenômenos históricos e complexos. Na segunda resenha do mesmo fascículo sintetizou texto "Formas de resistência e de combate à pobreza", de Luiz Gaiger (1996) que completava as análises e apresentava novas pistas para aprofundar a temática das desigualdades sociais tendo como referência o acesso aos programas sociais do Governo Lula.

Em outra publicação igualmente importante, recolheu informações atualizadas acerca das experiências de economia solidária dos grupos populares e da Pastoral Operária, todas coordenadas por mulheres, e fez uma relação com o texto "A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego" de Paul Singer e André R. de Souza (2000). Esse caderno subsidiou o trabalho de muitos grupos de economia solidária nas periferias de Manaus e animou o surgimento de novos grupos nos municípios de Presidente Figueiredo, Tabatinga e Itacoatiara.

A última publicação desse subsídio de formação, foi um Caderno Especial em homenagem a seu fundador em agosto de 2008<sup>13</sup>, mais precisamente na missa de sétimo dia de seu falecimento. A primeira parte da apresentação da referida edição especial resumia um pouco qual foi o objeto e objetivo dos "Cadernos Populares" enquanto pedagogia popular fazendo uma homenagem ao seu idealizador com a sequinte declaração:

Compartilhamos com vocês, este breve Cadernos Populares Especial, que fizemos para celebrar a passagem do Pe. Cláudio Perani, na celebração de sua ressurreição. Os Cadernos Populares do SARES, como tantas outras coisas boas, foram idealizados por Pe. Cláudio que os tinha como instrumentos na formação popular. Este "Cadernos" é o resultado de um grande mutirão para o qual convocamos muitas pessoas, que tiveram a graça de conhecê-lo e fazer parte de um pouquinho de sua vida. Pedimos que nos enviassem mensagens, pequenos textos, resumos, fotos e tudo o que acreditassem que fosse importante compartilhar, como numa ciranda de amigos queridos. Chegou tanta coisa que tivemos que recortar e reduzir várias contribuições. O resultado é este pequeno fragmento da vida e luta de Pe. Cláudio. É simples e modesto como seu testemunho de vida entre nós<sup>14</sup>.

Essa síntese deixa clara a orientação metodológica proposta por Cláudio Perani como ferramenta da educação popular nos paradigmas de libertação e transformação social na

\_

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> "Cadernos Populares" - publicação do Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES) Edição Especial
2. Manaus: agosto de 2008. Diretor Pe. Ricardo Gonçalves Castro; Revisão e Organização Márcia Maria de Oliveira, Delmo Roncarati Vilela e Luiz Antônio Nascimento de Souza. Edição, Editoração Eletrônica e Fotos Delmo Roncarati Vilela. Publicação independente.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Apresentação do "Cadernos Populares" Edição Especial 2. Manaus: SARES, agosto de 2008.

Amazônia. Essa publicação contou ainda com o último texto escrito por Cláudio Perani para subsidiar os encontros do FAS. Com o título "sociedade civil, movimentos sociais e ONGs no Brasil", apresentou uma análise profunda da conturbada conjuntura sócio-política e econômica daquele contexto. A esse respeito, a equipe de organização do "Cadernos Populares" afirmava:

Decidimos também compartilhar um fragmento maior de um breve texto que ele escreveu nos últimos dias, que resume um pouco de toda a sua grandiosa contribuição teórica que tanto ajudou na formação de tantas pessoas comprometidas com uma sociedade mais justa e com a luta contra as desigualdades sociais. É um texto belíssimo deste italiano que falava e vivia as realidades deste imenso Brasil com tanta propriedade que mais parecia um de nós<sup>15</sup>.

O referido texto foi uma mensagem aos movimentos sociais escrito em meados de maio de 2008, para ser utilizado como texto base nos encontros do FAS. Perani inicia o texto afirmando que,

O tema Sociedade civil, movimentos sociais e ONGs no Brasil é extremamente interessante, atual e muito debatido hoje na conjuntura política brasileira. Penso que a razão principal seja, de um lado, a desconfiança em relação à política partidária. Está presente no meio popular um grande pessimismo ao considerar os políticos e suas instituições. Afirma-se facilmente que a política não muda nada, que os políticos são corruptos e visam somente seus interesses. Do outro lado, os próprios cientistas sociais – alguns deles - questionam hoje o caminho da política partidária, afirmando que quem decide é a economia globalizada que controla os vários governos e impõe seu poder. Com isso, partidos, Congresso, Governo perdem sua importância e são valorizados outros caminhos políticos como os vários movimentos sociais e outras iniciativas da sociedade civil. São opiniões e afirmações questionáveis, evidentemente, mas que têm seu valor e refletem uma situação concreta em contínua mudança. Simplificando, podemos dizer que, em princípio, será necessário não excluir nenhum caminho político, mas procurar mudar e fortalecer tudo que possa favorecer a organização popular e seu poder (PERANI, 2008).

A lucidez com que tratou as questões sociais neste último texto revela a profundidade teórica que cultivou ao longo de sua vida mantendo uma rotina de leituras sempre atualizadas e com enorme disciplina. Compartilhar conhecimento foi uma marca importante na trajetória de Cláudio Perani que fez dessa prática uma importante ferramenta da metodologia da

<sup>15</sup> Idem.

educação popular que tanto contribuiu e continua contribuindo para os processos de transformação social.

### Considerações finais

Retomar a trajetória dos últimos anos de Cláudio Perani na condução das propostas metodológicas na educação popular nos faz reconhecer que, de fato, dedicou boa parte de sua vida ao estudo e aprofundamento das possibilidades de elaboração de metodologias capazes de promover maior participação e comprometimento das classes populares com seus processos de libertação social e política.

O "guia metodológico da educação popular" elaborado sob sua orientação e condução revela a construção de um novo e importante paradigma de libertação e transformação social na Amazônia através da educação popular. Dessa forma, rompia com o paradigma da ignorância das classes populares e devolvendo a elas o protagonismo nos processos de transformação da sociedade reconhecendo sua capacidade de analisar e intervir na sociedade a partir das bases dos grupos e movimentos populares.

Repetidas vezes, tanto em seus discursos, nas reuniões, nos escritos e nas conversas informais, Cláudio Perani dizia que o "povo sabe o que quer" e insistia que o povo precisa apenas de espaço e reconhecimento para expressar suas reflexões e exercer seu protagonismo histórico. Essa confiança no povo, com seus saberes e potencialidades, fez com que apostasse na educação popular como meio para promover maior participação e engajamento social das lideranças populares comprometidas com a transformação da sociedade.

Sua presença constante nas visitas aos grupos de base, nas famílias das lideranças e nas comunidades onde participavam, representa uma mudança nos paradigmas da formação popular rompendo radicalmente com a separação e a distância entre as lideranças e os espaços formativos institucionalizados, de maneira especial as escolas e universidades.

A forma como conduziu os processos de elaboração das propostas metodológicas da educação popular, acompanhando de perto cada etapa, avaliando constantemente os processos e avançando de forma gradativa, sem queimar nem atropelar etapas, com postura firme e decisiva no sentido de garantir processos eminentemente participativos, marcou

profundamente a equipe pedagógica do SARES e foi determinante para o alcance e abrangência da educação popular para além do espaço institucional.

Por fim, Cláudio Perani deixou um legado imensurável para as lideranças dos movimentos populares que representavam para ele a voz do povo esquecido e oprimido nas periferias das cidades. Essa voz, de um povo sofrido e muitas vezes humilhado por sua condição de pobre, humilde, indígena, negro, caboclo, mulher e tantas outras categorias, foi aos poucos sendo despertada e ouvida nas rodas de conversa, nos debates e em tantas outras modalidades de participação nos espaços de educação popular promovidos pelo SARES. Conduzido por Cláudio Perani de forma tão sábia e respeitosa, essas experiências mudaram radicalmente os paradigmas da formação popular e promoveram importantes processos de libertação e transformação social na Amazônia.

Trata-se de um legado imensurável que permanecerá na memória das diversas lideranças populares que trataram de praticar seus ensinamentos e transformaram radicalmente suas realidades contextuais. Legado este, que permanece também muito vivo e presente na vida das pessoas que compuseram, em momentos distintos, a equipe pedagógica da educação popular do SARES, da qual, me orgulho de ter participado e coordenado juntamente com Cláudio Perani, que compartilhou conosco não somente seus saberes, mas, acima de tudo, sua vida e sua convivência alegre, fraterna e intensamente comprometida com as causas populares.

#### Referências

ARROYO, Miguel G. Tempos Humanos de Formação. In. CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BOGO, Ademar. Mística. In. CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. In. CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

D'INCAO, Maria Conceição. O **Bóia-fria**: acumulação e miséria. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

GAIGER, Luiz (org.). Formas de resistência e de combate à pobreza. São Leopoldo: Unisinos, 1996.

MARX, K. O capital. 15. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1996. V. 1.

PERANI, Cláudio. Sobre as eficácias. **Cadernos do CEAS**, Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, n. 150, p. 48-54, mar./abr. 1994.

PERANI, Cláudio. Sociedade civil, movimentos sociais e ONGs no Brasil. **Cadernos Populares**. Manaus, SARES, Edição Especial 2, agosto de 2008.

PRADO JUNIOR, Caio. Teoria marxista do conhecimento e método dialético materialista. São Paulo: **Revista Discurso**. [S.l.], v. 4, n. 4, 1973.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: etnocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 227-278, 2005.

SINGER, Paul; SOUZA, André R. de. A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

#### Dados da autora

Márcia Maria de Oliveira

Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), com Pós-Doutorado em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF/UFRR). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA / UFAM), Mestre em Gênero, Identidade e Cidadania (Universidad de Huelva - Espanha). Cientista Social; Licenciada em Sociologia (UFAM). Pesquisadora do Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia - GEMA/UFAM; Pesquisadora do Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos - GEIFRON/UFRR; Pesquisadora do Grupo de Estudos História, Sociedade e Educação no Brasil - HISTEDBR/UNIR; Pesquisadora do Centro de Estudos Marxistas em Educação e História na Amazônia (CEMEHIA). Professora da Universidade Federal de Rondônia - UNIR; pesquisadora do Observatório das Migrações em Rondônia - UNIR; voluntária da Cáritas e da REPAM.